

UM CÂNTICO NA ESCURIDÃO

Max Lucado

Se fosse em qualquer outro dia, provavelmente eu não teria parado. Assim como a maioria das pessoas que caminhavam por aquela avenida movimentada, eu não teria notado a presença dele ali, em pé. Porém, em minha mente, eu sabia qual era o verdadeiro motivo de ele estar naquele lugar, por isso parei.

Eu havia passado parte da manhã preparando um estudo sobre o capítulo nove de João, aquele que narra a história do homem cego de nascença. Eu já havia almoçado e retornava a meu escritório quando o avistei. Ele estava cantando. Segurava uma bengala de alumínio na mão esquerda; a mão direita estava estendida e aberta, aguardando esmolas. Ele era cego.

Passei por ele e, após uns cinco passos, parei e resmunguei alguma coisa para mim mesmo a respeito da hipocrisia e dei meia-volta.

Coloquei alguns trocados na mão dele.

- Obrigado - ele disse. Em seguida, proferiu uma frase muito comum no Brasil: - Deus lhe pague e lhe dê muita saúde.

Desejo irônico.

Mais uma vez, segui meu caminho. Novamente, o estudo daquela manhã sobre o capítulo nove de João me fez parar: "Jesus viu um homem cego de nascença". Parei e meditei. Se Jesus estivesse aqui, teria visto esse homem. Eu não tinha certeza do que aquilo significava, mas sabia que não havia feito o que devia. Dei meia-volta outra vez.

Imaginando que minha esmola tivesse dado a mim o direito de fazer o que fiz em seguida, parei perto de um carro nas proximidades e fiquei observando. Forcei-me a olhar para ele. Eu ficaria ali até ver nele mais do que um simples indigente cego em uma via movimentada do centro do Rio de Janeiro.

Eu o vi cantar. Alguns pedintes encolhem-se em uma esquina suplicando piedade. Outros deitam seus filhos em cobertores no meio da calçada, sem nenhum pudor, imaginando que somente as pessoas de coração empedernido não dariam atenção a um bebê sujo e desnudo pedindo um pedaço de pão....

Aquele homem, porém, não fazia nada disso. Estava em pé. Tinha um porte altivo. E cantava. Cantava alto. Até mesmo com orgulho.

Qualquer um de nós teria mais motivos para cantar do que ele, mas ele era o único que cantava. E mais: cantava canções folclóricas.

Em determinado momento, achei que ele cantou um hino, mas não tive certeza.

Sua voz rouca não combinava com o burburinho de um centro comercial. Igual a um papagaio que conseguiu entrar em uma fábrica barulhenta, ou a uma corça perdida em um cruzamento viário, seu cântico evocava um estranho casamento entre o progresso e a simplicidade.

Os passantes reagiam de maneiras diferentes. Alguns olhavam descaradamente para ele, com ar de curiosidade. Outros pareciam desconfortáveis. Abaixavam a cabeça ou desviavam o caminho.

- Nada de tristeza hoje, por favor.

A maioria, contudo, mal notava a presença dele. Tinham a mente ocupada, a agenda cheia, e ele não passava de... bem, ele não passava de um mendigo cego.

Fiquei satisfeito por aquele homem não poder ver o modo como as pessoas olhavam para ele. Após alguns minutos, voltei a aproximar-me dele.

- Você almoçou? - perguntei. Ele parou de cantar. Virou a cabeça na direção de minha voz e dirigiu o rosto para um ponto além de minha orelha. Seu olhar era vazio. Ele disse que estava com fome. Dirigi-me a uma lanchonete nas proximidades e comprei um sanduíche e um refrigerante gelado para ele.

Quando voltei, ele continuava a cantar com as mãos vazias.

Agradeceu-me a comida. Sentamo-nos em um banco perto dali. Entre uma mordida e outra, ele me contou um pouco de sua vida. Tinha 28 anos. Era solteiro. _ Vivia com os pais e sete irmãos.

- Você é cego de nascença? Não. Sofri um acidente quando era menino.

Ele não se dispôs a contar detalhes, e eu não tive coragem de perguntar.

Apesar de termos quase a mesma idade, estávamos a anos-luz de distância. Minhas três décadas de vida consistiam de férias de verão em excursões com a família, Escola Dominical, equipes de debate, futebol e uma busca pelo Todo-Poderoso. Crescer cego no Brasil certamente não oferecia nenhuma dessas regalias.

Minhas preocupações diárias atuais estavam voltadas para pessoas, pensamentos, conceitos e comunicação. O dia dele era feito de preocupações de sobrevivência: moedas, donativos e comida. Eu iria para casa - um belo apartamento com comida quente e uma esposa bondosa. Eu detestava pensar no lar para o qual ele voltaria.

Já havia visto barracos apinhados de gente nos morros do Rio de Janeiro e podia imaginar como seria o dele. E a recepção que ele teria... haveria alguém para fazê-la sentir-se especial quando voltasse para casa?

Estive a ponto de -perguntar-lhe: "Você não fica furioso por eu não ser você? Não fica acordado à noite se perguntando por que o quinhão que lhe coube foi tão diferente do de alguém que ganhou muito dinheiro ou de outras pessoas nascidas 30 anos atrás?" Eu trajava camisa, gravata e sapatos novos. Os sapatos dele tinham furos, e a roupa era volumosa, bem maior que seu corpo.

Uma das pernas da calça estava rasgada no joelho.

Mesmo assim, ele cantava. Apesar de cego e sem dinheiro, ele havia encontrado uma canção e a cantava com intrepidez. (Eu me perguntei de que compartimento de seu coração teria surgido aquela canção.) Na pior das hipóteses, imaginei, ele cantava por desespero. A canção era tudo o que ele possuía. Mesmo quando não recebia nenhuma moeda, ele tinha, ao menos,

uma canção. Contudo, parecia ter uma grande paz interior para estar cantando apenas para sobreviver.

Ou talvez cantasse por ignorância. Talvez não soubesse o valor daquilo que nunca teve.

Não. Eu decidi que a motivação que explicava sua conduta era a última imaginável. Ele estava cantando de alegria. Talvez aquele pobre homem cego tivesse descoberto uma vela chamada satisfação, que iluminava seu mundo totalmente escuro. Alguém deve ter-lhe dito, ou talvez ele tivesse descoberto sozinho, que a alegria de amanhã origina-se da aceitação do hoje. Aceitação daquilo que pelo menos momentaneamente, não podemos modificar.

- Olhei para aquela imensidão de rostos que passavam por nós.

Semblantes carrancudos. Profissionais. Alguns determinados. Outros disfarçados. Mas ninguém estava cantando, nem mesmo silenciosamente. Como seria se o rosto de cada pessoa demonstrasse o que realmente se passava em seu coração? Quantos diriam "Desesperado! Dificuldades nos negócios!" ou "Quebrado:

Necessitando de Concerto" ou "Decepcionado, Agitado e Apavorado"? Pouquíssimos.

A ironia era dolorosamente engraçada. Aquele cego podia ser o homem mais sereno da rua. Sem nenhum diploma, sem nenhum

reconhecimento, sem nenhum futuro pelo menos no sentido estrito da palavra. E eu me perguntei quantas pessoas naquela cidade tresloucada trocariam suas salas de reuniões e ternos elegantes, por um segundo sequer, para ter a oportunidade de beber um pouco da água do poço daquele jovem.

"Fé é o pássaro que canta enquanto o dia ainda não clareou."

Antes de ajudar meu amigo a voltar à sua posição de pedinte, tentei verbalizar minha empatia.

- A vida é dura, não?

Um ligeiro sorriso. Novamente, ele virou o rosto na direção de minha voz e ameaçou dar uma resposta, mas fez uma pausa e disse:

- É melhor eu voltar ao meu trabalho.

Mesmo a uma distância de quase um quarteirão, eu ainda o ouvia cantar. E podia vê-lo com os olhos da mente. Porém, o homem que agora eu via era diferente daquele a quem eu dera alguns trocados. Apesar de continuar cego, ele possuía um discernimento extraordinário. E, apesar de ser eu quem enxergava; foi ele quem me deu uma nova visão.